

CAPITAL (A)	Lisboa	-4 MAR 1983
Informação Vilacondense	Vila do Conde	
CORREIO DE AZEMÉIS		

s, 19-2.º E.
Codex

TEATRO NACIONAL D.ª MARIA II

Publicação A CAPITAL

Data 6 / 5 / 83 Pág. _____

UMA ENCENAÇÃO (APENAS) DIGNA

385 «FERNANDO (TALVEZ) PESSOA», no Nacional —
 TEXTO: Jaime Salazar Sampaio; CENÁRIOS E FIGURINOS: Emilia Nadal; MÚSICA: António Vitorino de Almeida; COREOGRAFIA: Fernando Lima; ASSESSOR LITERÁRIO: Jaime Salazar Sampaio; ASSISTENTES DE ENCENAÇÃO: Mário Pereira e Helena Ramos; INTERPRETES: Mário Pereira, António Rama, São José Lapa, Luis Pinhão, Germano Martinho, António Banha, Carlos Fonseca, Varela Silva, Rogério Paulo, Curado Ribeiro, Carlos Cabral, António Anjos, Igor Sampaio, Ruy de Matos e António Sarmento. ENCENAÇÃO: Artur Ramos. ESTREIA: Nacional de D. Maria II, Abril de 1983.

INTERESSANTE expediente este que Jaime Salazar Sampaio (um dos mais interessantes dramaturgos nacionais) escolheu para nos apresentar a sua visão de Fernando Pessoa, escritor complexo e difícil, tão sacralizado nos últimos tempos daquilo a que o próprio autor da peça chama de «furor pessoano». Salazar Sampaio recorre a um grupo de teatro independente (três personagens — Jorge, o encenador; Pedro e Ju, os actores) que, enquanto espera o almejado subsídio, vai preparando uma peça sobre o autor de «Mensagem». A ficção instala-se, surge assim o teatro dentro do teatro com toda uma série de relações extremamente significativas.

O eixo da acção vai ser o encenador, ou, antes, a sua visão do personagem central da peça — Pessoa. Em «Fernando (talvez) Pessoa» (talvez porque a obra ultrapasse o homem, encobrando-o um pouco, ou ainda porque o escritor atingiu já as dimensões do mito) este encenador identifica-se com o autor, Salazar Sampaio. Ambos relacionam aquilo que, na obra pessoana, ira dar o personagem de corpo inteiro. Indo buscar este ou aquele poema, procurando juntamente com os actores os contornos de uma personalidade polifacética, rebuscando nas páginas filosóficas ou de estética, revelando as suas ligações com contemporâneos ilustres como Boto ou Sá-Carneiro, eles vão construindo a peça (o encenador) e o personagem (o autor). Com a contrapartida, fascinante para o espectador, de assistir a este parir de todos os dias, ao que se passa durante os ensaios, nos bastidores, antes do produto acabado.

Mas aqui esta também um grande obice a opor a este original: o autor pouco demonstra saber da vida e organização dos grupos de teatro independentes que não contratam pessoas por anúncio a última da hora, mais a mais para um personagem principal. Assim a caracterização esquemática deste agrupamento de teatro sujeito a dificuldades habituais dos seus congéneres portugueses e o simplismo da inter-relação dos seus membros. Geralmente, quando um grupo independente pede um subsídio tem de apresentar, com o requerimento daquele, um projecto de actuação com o nome dos actores, verbas a despende, repertório, etc...

O jogo de que parte Salazar Sampaio permite, pois, estabelecer, em cena, três tipos de relações: encenador-actores, estes com o Pessoa da peça, e ainda o poeta com os seus heterónimos e restantes personagens e figuras que o rodeiam. Ainda aqui a figuração de Ricardo Reis, Alvaro de Campos e Alberto Caeiro nos parece desnecessário pleonasmismo já que, como heterónimos que são, vivem através dos respectivos poemas, mais palavras, ideias, sentimentos, estilos, facetas, do que corpos propriamente ditos.

Um cenário caleidoscópico

dal. A opção foi a de escolher uma cena geométrica com elementos simbólicos retirados da obra de Pessoa ou ainda da arquitectura de Lisboa, lugar das deambulações do poeta. O total, sendo pouco funcional (embora deficientemente aproveitado pelo encenador) é inestético (salvo o pormenor do «Informe labirinto») e caleidoscópico, pois tudo contém embora em continua mudança. Outro defeito desta cenografia, numa obra que se quer didáctica, é a sua não inteligibilidade para os neófitos na temática e figura pessoanas, o que resulta particularmente grave.

Quanto à encenação, há que apontar ao trabalho de Artur Ramos o facto de ser apenas digno, «lúmen», mas também académico,



«Fernando (Talvez) Pessoa», de Jaime Salazar Sampaio



Por TITO LÍVIO

Populares» não admitem aquele mau arremedo do pior Parque Mayer. Papel positivo tem ainda a música de António Vitorino de Almeida, com o achado de uma suite sinfónica construída à volta do tema «O Careca Tira a Boina», irónica, percutente, pontuando bem cada momento, embora em desconexão profunda com a encenação «pesada».

vra gritada de Mário Sá-Carneiro (Ruy de Matos). Outros são inerentes aos próprios comediantes — a dicção empastada e arranhada de Rogério Paulo (uma voz estragada), o não saber agarrar um bom momento (o monólogo de Mário Pereira do final do primeiro acto).

Certo é que o elenco masculino do Nacional necessitaria de uma radical selecção, não fosse o facto da intocabilidade de actores transformados comodamente na categoria de funcionários públicos vi-

Do trio principal, Mário Pereira, embora bastante corrigido de alguns vícios de dicção habituais, é bastante desigual, claudicando no primeiro acto num monólogo fundamental, melhorando depois na recta final. António Rama e São José Lapa são o «pivó» deste espectáculo em figuras algo difíceis porque também os actores mais disponíveis, criativos, isentos de vícios. O seu desenhar-se em cena, a naturalidade, a dicção limpa, a forma como dizem poesia, o entrar e sair dos personagens da peça que encenam.

Uma interpreta-

ter, em cena, três tipos de relações: encenador/actores, estes com o Pessoa da peça, e ainda o poeta com os seus heterónimos e restantes personagens e figuras que o rodeiam. Ainda aqui a figuração de Ricardo Reis, Alvaro de Campos e Alberto Caeiro nos parece desnecessário pleonasmos, já que, como heterónimos que são, vivem através dos respectivos poemas, mais palavras, ideias, sentimentos, estilos, facetas, do que corpos propriamente ditos.

Um cenário caleidoscópico

De qualquer forma, o essencial de Pessoa ali é reconstituído a nossa frente desde o homem político, ou a criança pura e anárca que tudo subverte, ao meio-heterónimo Bernardo Soares e ao testemunho dos escritores seus contemporâneos. Um dos pontos mais difíceis desta realização seria o cenário, cuja concepção foi entregue a pintora Emilia Na-

dal. A opção foi a de escolher uma cena geométrica com elementos simbólicos retirados da obra de Pessoa ou ainda da arquitectura de Lisboa, lugar das deambulações do poeta. O total, sendo pouco funcional (embora deficientemente aproveitado pelo encenador) é inestético (salvo o pormenor do «Informe labirinto») e caleidoscópico, pois tudo contém embora em contínua mudança. Outro defeito desta cenografia, numa obra que se quer didáctica, é a sua não inteligibilidade para os neófitos na temática e figura pessoanas, o que resulta particularmente grave.

Quanto à encenação, há que apontar ao trabalho de Artur Ramos o facto de ser apenas digno, «limpo», mas também académico, pouco imaginativo, sem aquela centelha que fizesse saltar cá para fora o génio e a poesia do grande escritor. Momentos como o da presença da criança (o que de mais puro e autêntico existe em cada homem) ou o da sugestão da sua presença pelo brinquedo de madeira deixado em cena, perdem-se no lugar-comum e perdem o seu significado apesar do



Por TITO LÍVIO

esforço, inglório, de São José Lapa para o salvar.

Algo de profundo mau gosto é ainda a figuração que acompanha e serve de fundo a certos momentos da obra de Pessoa, desnecessária, redundante, grosseira. O humor e a ironia do escritor são finos e subtis e mesmo nas «Quadras

«Fernando (Talvez) Pessoa», de Jaime Salazar Sampaio

Populares» não admitem aquele mau arremedo do pior Parque Mayer. Papel positivo tem ainda a música de António Vitorino de Almeida, com o achado de uma suite sinfónica construída à volta do tema «Ó Careca Tira a Boina», irónica, percute, pontuando bem cada momento, embora em desconexão profunda com a encenação «pesada».

Uma interpretação desigual

Culpas da encenação (o encenador e, ou deve ser, director de actores) serão ainda responsáveis por alguns erros de interpretação, como a caricatura demasiado pela rama de Bernardo Soares (Carlos Cabral), a exteriorização e a pala-

vra gritada de Mário Sá-Carneiro (Rui de Matos). Outros são inerentes aos próprios comediantes — a dicção empastada e arranhada de Rogerio Paulo (uma voz estragada), o não saber agarrar um bom momento (o monólogo de Mário Pereira do final do primeiro acto).

Certo é que o elenco masculino do Nacional necessitaria de uma radical selecção, não fosse o facto da intocabilidade de actores transformados comodamente na categoria de funcionários públicos vitalícios, situação burocrática incompatível com o desafio e as necessidades de um Teatro Nacional. Boa, no entanto, a composição de António Anjos no professor (caricatura ao «erudito» em estudos pessoanos), a correcção e sobriedade de Curado Ribeiro, em Ricardo Reis, os progressos de Igor Sampaio, em Almada Negreiros, e o retrato eficaz de Varela Silva, em Alberto Caeiro.

Do trio principal, Mário Pereira, embora bastante corrigido de alguns vícios de dicção habituais, é bastante desigual, claudicando no primeiro acto num monólogo fundamental, melhorando depois na recta final. António Rama e São José Lapa são o «pivot» deste espectáculo em figuras algo difíceis porque também os actores mais disponíveis, criativos, isentos de vícios. O seu desenhar-se em cena, a naturalidade, a dicção limpa, a forma como dizem poesia, o entrar e sair dos personagens da peça que ensaiam para envergar a pele dos actores que são, são bastante belos e reveladores de um aturado trabalho em conjunto.

Sobre esta encenação de Artur Ramos apetecia-nos parafrasear Mário de Sá-Carneiro, num poema dito ao longo da peça: «Um pouco mais de sol — eu era brasa / um pouco mais de azul — eu era além / para atingir faltou-me um golpe de asa...»